

ANÁLISE DIACRÔNICA DO VERBO *IR* NA FORMA SINTÁTICA E MORFOLÓGICA EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

Isadora Silveira Ramos¹
isadoraramos.13@hotmail.com

Ráinne Fogaça da Silva¹
rainnefs_1998@hotmail.com

Taiane Fernandes Cristão¹
fernandes_taiane@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo científico, em uma perspectiva diacrônica, analisa o verbo *IR* e suas mudanças na Língua Portuguesa, mais especificamente, no período clássico da língua, dando enfoque para três séculos diferentes: XVIII, XIX e XX. Dessa forma, partimos da definição do conceito de gramaticalização para a verificação das postulações de tal verbo nas formas sintáticas e morfológicas. Por fim, realizamos um levantamento de dados com as pesquisas feitas em textos jornalísticos, analisando e comparando-os com as informações obtidas no referencial teórico.

PALAVRAS-CHAVES: Perspectiva diacrônica; verbo *IR*; textos jornalísticos.

DIACRONIC ANALYSIS OF THE VERB *IR* IN THE SYNTAX AND MORPHOLOGICAL FORM IN JOURNALISTIC TEXTS

ABSTRACT

The present scientific article, in a diachronic perspective, analyzes the verb *IR* and its changes in the Portuguese Language, more specifically, in the classical period of the language, giving focus to three different centuries: XVIII, XIX and XX. In this way, we start from the definition of the concept of grammaticalization for the verification of the postulations of such verb in syntactic and morphological forms. Finally, we conducted a survey of data with the research done in journalistic texts, analyzing and comparing them with the information obtained in the theoretical framework.

KEYWORDS: Diachronic perspective; verb *IR*; Journalistic texts.

INTRODUÇÃO

A língua é um organismo vivo, está em constante desenvolvimento e, de acordo com Faraco (2005), possui uma história de mutações, substituições, aparecimentos e desaparecimentos nos seus elementos. Dessa forma, a Linguística Histórica obteve seu caráter científico no século XIX e é responsável por estudar tais transformações no tempo.

¹ Acadêmicas do curso de Letras com habilitação em Literatura e Língua Portuguesa pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Duas dimensões postuladas por Saussure são fundamentais para as análises da Linguística Histórica, a sincronia e a diacronia, de modo que Faraco (2005, p. 94) as apresenta dizendo:

Na primeira, o centro das atenções são as mudanças por que passa uma língua no tempo; na segunda, são as características da língua vista como um sistema estável num espaço aparentemente fixo. Em outras palavras, pode-se dizer que o pressuposto da análise diacrônica é a mutabilidade das línguas no tempo, enquanto o pressuposto da análise sincrônica é a relativa imutabilidade das línguas.

Entre as mudanças estudadas por tal ciência, Gabas Junior (2001) destaca a mudança gramatical, a qual se entende pelo processo de transformação no sistema gramatical de uma determinada língua. Essas mudanças podem ocorrer tanto no campo morfológico quanto no sintático, como perda e adição de morfemas e modificação na estrutura que determina a ordem dos elementos em uma sentença.

Assim sendo, como parte do estudo da mudança gramatical, torna-se necessário realizar uma pesquisa da história do verbo *ir* em sua forma sintática e morfológica, ou seja, um estudo diacrônico do desenvolvimento desse verbo, atentando para seus diferentes usos no tempo e utilizando textos jornalísticos para sua análise. Desse modo, a viabilidade da pesquisa está na melhor compreensão dos estudos linguísticos e da linguística histórica que ela possibilita, bem como na contribuição que a mesma possa ter para outros trabalhos, de modo que o levantamento das hipóteses no referencial teórico e as verificações dos dados jornalísticos são de suma importância, já que promovem questionamentos acerca de uma possível substituição do futuro do presente pelas perífrases com verbo *ir* e, por consequência, uma substituição do futuro de pretérito.

Com isso, no presente artigo, em um primeiro momento, investigar-se-á por meio de pesquisas bibliográficas e qualitativas as transformações que ocorreram em seus usos. E, em um segundo momento, será feita uma análise comparativa de textos jornalísticos datados de diferentes períodos para a verificação do que for posto no levantamento de dados. Logo, a pesquisa propõe esclarecer o conceito de gramaticalização e suas diversas premissas, bem como analisar o histórico do verbo *ir* em três séculos diferentes (XVIII, XIX e XX) no português brasileiro, mais especificamente, no período clássico do português, dando enfoque para o surgimento de perífrases e para o sentido de futuridade que tal verbo pode exprimir. Ademais, a análise e levantamento de dados será feita com três jornais diferentes (*Regeneração*, *Tribuna Negra* e *A Liberdade*).

2 GRAMATICALIZAÇÃO

Inicialmente, para uma melhor compreensão da abordagem do verbo *IR*, faz-se necessário conceituar o termo gramaticalização. De acordo com Gonçalves (2012, p. 394):

Dentre o universo das mudanças e variações linguísticas, encontra-se um subconjunto de variações que descreve como um item lexical vem a desempenhar funções gramaticais ou um item gramatical vem a assumir funções mais gramaticais ainda. Este fenômeno é denominado Gramaticalização.

Portanto, em meio a uma gama imensa de mudanças e variações, existem outras variações decorrentes do item lexical das funções gramaticais ou de um item gramatical que assume outras funções gramaticais. Diante disso, Fonseca (2013) diz que o mecanismo de gramaticalização promove implicações quanto à estrutura surgida diante de um processo de gramaticalização. Seus princípios estão efetuados com base em alguns estágios. São estabelecidas, desse modo, as seguintes premissas: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização. Segundo Fonseca (2013), o primeiro estágio é chamado de Estratificação, nele novas camadas estão emergindo continuamente. Porquanto, de acordo com a autora, esse princípio estabelecido permite outras funções, ou seja, duas formas podem coexistir, codificando o seu princípio funcional, modificando a sua variação linguística, em outras palavras, surgem novas camadas.

Logo, permite-se uma outra definição para a gramaticalização. De acordo com Fonseca (2013), o segundo estágio desenvolvido é o chamado divergência. Nessa etapa, uma forma lexical sofre gramaticalização, ou seja, a gramaticalização determina uma forma que não implica no desaparecimento no seu item lexical, ambos permanecem com o seu item lexical pleno e sujeito a terem novas mudanças. Diante disso, é postulado por Fonseca (2013) a chamada especialização. Assim sendo, conforme a autora, essa premissa fornece o aumento da frequência do uso do item, ou seja, podem coexistir outras formas de diferenças semânticas. Sendo mais usada fornece a sua função e a sua marcação de fala, tornando-se obrigatória. Logo, o outro estágio de acordo com Fonseca (2013, p. 38) possui as seguintes informações:

Persistência: quando uma forma se gramaticalização, passando de uma função lexical para uma função gramatical, alguns traços do significado lexical original tendem a permanecer na nova forma gramatical e detalhes de sua história lexical podem se refletir em sua distribuição gramatical.

Em síntese, essa etapa consiste em passar por uma função lexical para uma função gramatical, ou seja, o significado de seus traços originais a terem uma permanência de uma nova forma gramatical e detalhes de sua história. Conforme Fonseca (2013), o último estágio postulado é referente ao chamado descategorização. Ainda de acordo com a pesquisadora, nesse estágio as formas que tem contato com a gramaticalização podem perder ou ganhar marcas morfológicas. Com isso, segundo Strogenski (2013), esse princípio pertencente ao processo do item lexical de uma determinada forma muda de uma categoria, tendo como alteração o verbo auxiliar construindo a sua predicação atualmente estabelecida.

Em vista do exposto, a visão da gramaticalização estabelece a constituição do verbo *ir* com um verbo no infinitivo. Assim, Fonseca (2010, p. 40) baseia-se em Almeida (1980), Silva (2002) e Gibbon (2001) e diz:

Que, para a formação da perífrase verbal *ir*+infinitivo codificadora de futuridade, o verbo pleno *ir*, por um processo de gramaticalização, sofreu um “esvaziamento de traços” do seu significado original de deslocamento e foi recategorizado como verbo auxiliar, exprimindo, entre outros valores, a noção de futuridade, quando seguido de um verbo principal.

Porquanto, a formação da perífrase verbal apresentada passa por um processo baseado no seu significado original como o verbo auxiliar, assim, seguido de um verbo principal de acordo com a citação acima.

3 COMO O VERBO *IR* SE APRESENTA ATUALMENTE

Para entender o processo do verbo *ir*, primeiramente, deve-se entender algumas de suas aplicações. Entretanto, Cunha (1980, p. 439 apud STROGENSKI, 2013, p. 15) para definir sua aplicação, cita que [...] “na língua falada o futuro simples é de emprego relativamente raro. Prefere-se, na conversação, substituí-lo por locuções constituídas”. Logo, a autora expõe que para Cunha são locuções constituídas e formadoras com um verbo auxiliar mais o verbo principal.

Portanto, os verbos também podem servir como auxiliares, ou seja, ideia de ação que pretende ser realizada em algum futuro próximo de acordo com algum contexto. Desse modo, baseada em Cunha (1980), Strogenski (2013, p. 15) afirma que:

O gramático entende que as perífrases formadas no imperativo, com o verbo *ir* ou *vir*, valorizam sobremaneira o verbo principal e dá os exemplos a seguir: - Não confessei coisa alguma; e não vá por isso adoecer outra vez. - Não venha me dizer que está arrependido.

Esse exemplo de representação do verbo *ir* implica na valorização do sentido do verbo, ou seja, as perífrases formadas no imperativo com base nos exemplos acima. Assim, Strogenski (2013, p. 16) comenta a explicação utilizada por Cunha (1980):

Nestes exemplos, a locução realiza, de fato, uma função estilística, atenuando o efeito do imperativo: ... e não adoça outra vez. Não diga que está arrependido. Permanece, ainda, um contexto de futuridade expresso pelo próprio imperativo (como algo a ser “obedecido”), reforçado pelos verbos *ir* e *vir*: não vá adoecer – não adoça depois. Não volte para dizer.

Portanto, ainda conforme a autora, a determinada locução acima, realiza uma função estilística, reduzindo o efeito imperativo. Então, permanece a um contexto futuro expressado ao próprio imperativo, ou seja, reforçando verbos *ir* e *vir*. Desse modo, Strogenski (2013) apresenta que o verbo *ir* se encaixaria no denominado “processo durável” por remeter a um processo homogêneo, isto é, quem vai a algum lugar durante o dia, o faz a cada minuto do tempo que levou para chegar ao lugar pretendido, em um processo de *ir*. Diferente de quem faz um trabalho durante a semana, que não o faz a cada minuto da semana, mas em momentos estanques.

Ademais, em relação à perífrase formada com o verbo *ir*, é natural que ela expresse algo que ocorrerá após o momento da fala. Logo,

[...] a perífrase vem assumindo o espaço reservado ao futuro do presente, alternando seu uso com o presente do indicativo na expressão temporal do futuro; b. a variação é fortemente condicionada por fatores semântico discursivos, especialmente de natureza temporal e modal; e c. a perífrase é a forma mais recente na codificação do tempo futuro, configurando-se uma mudança em tempo aparente. (STROGENSKI, p. 19).

Por fim, de acordo com Strogenski (2013), a perífrase do verbo *ir* + *inf* está conquistando o lugar do futuro do presente, ou seja, dentre a população mais jovem. Assim, se constituem da seguinte forma:

A perífrase predomina em contexto realis, factual, e está vinculada ao traço modal de certeza, de maior intenção e em contextos com traço modal de futuridade, em que cabe ao verbo indicar o tempo futuro. Há uma dupla motivação para a seleção das variantes que representam o futuro, que ou é de natureza modal (mais pragmática), ou de natureza temporal (com viés mais semântico). (STROGENSKI, p. 20)

Em suma, a predominância do verbo *ir*, se constitui entre os falantes, gerando um contexto de acordo com cada situação futura. Ademais, esse processo estará em constante mudança.

4 O VERBO *IR* NO PORTUGUÊS CLÁSSICO

Entre os períodos que compõe a história da humanidade, o arcaico, o pré-clássico e o clássico, muito nota-se, em relação às formas utilizadas para a comunicação entre os diferentes povos, mudanças nas modalidades orais e escritas de suas línguas. Diante de tal fato, a seguir, o presente artigo abordará as postulações do verbo *ir* na língua portuguesa, em específico no período clássico.

Assim sendo, tal período recebeu determinada nomenclatura por conta da normalização ocorrida na língua. De acordo com Strogenski (2012), um dos maiores autores desse período foi Jeronymo Soares Barbosa, o qual

[...] em sua Gramática Filosófica, apresenta, no século XVIII, uma explicação para as chamadas anomalias nas conjugações de alguns verbos. De tais anomalias, surgiram os verbos irregulares, entre eles o verbo *ir*. Ele explica que os verbos irregulares, além de dois tempos que lhes são comuns com os verbos regulares, tem um terceiro, que lhes é próprio. (STROGENSKI, 2012, p. 40).

Dessa forma, pode-se notar que o verbo *ir* recebeu diferentes significações, e uma gama de casos podem ser apontados como pertencentes a tal verbo ao longo do Período Clássico. Esse período inicia-se no século XVIII e perdura até o final do século XIX.

4.1 O VERBO *IR* E SEUS VALORES NO SÉCULO XVIII

A gramaticalização atual do verbo *ir* como auxiliar em perífrases é, conforme as análises de Alcione Gonçalves (2012), anterior ao século XIII, de modo que construções de *ir+infinitivo/ gerúndio*, como “uay hindo” (vai indo) e “vou lavar”, eram utilizadas comumente. O século XVIII, como observou a pesquisadora, contava com maior ocorrência das formas lexicais do verbo *ir*, ou seja, formas de significado único. Porém, tal fato não desconsiderava o processo de gramaticalização do verbo, já que formas gramaticais também estavam sendo inseridas na língua, como a construção “vay entrar” (vai entrar), a qual indica algo a realizar-se e faz do verbo um morfema temporal. Dessa forma, ficou entendido que nesse século a gramaticalização ocorria, mas não estava consolidada, uma vez que o verbo ainda não tinha “o valor real de tempo futuro” (GONÇALVES, 2012, p. 407).

Comparando o século XVIII com o atual, outras mudanças podem ser percebidas, de modo que ao listá-las, Strogenski (2013) atenta para o fato de que o verbo tinha uma grafia diferente e todos escreviam *hir*. Esclarecendo esse fato, a pesquisadora afirma que

[...] a grafia do verbo era com h. Essa mesma grafia pode ser encontrada ainda nos textos de Jerônimo Soares Barbosa. No entanto, para Coutinho (1976) esse seria um pedantismo da chamada ortografia etimológica. Interessante ainda é o fato de, em latim, não aparecer com h. (STRONGENSKI, 2013, p. 32).

Ademais, a última mudança a ser analisada referente ao verbo *ir*, no século em estudo, está ligada à regência do verbo. De acordo com Strogenski (2013), no século XVIII, *ir* admitia *por* e *a* (no sentido de *contra*) como preposições que o acompanhavam, dessa forma, a pesquisadora destaca dois exemplos de frases muito utilizadas na época: “*hir por* diante” (*ir* a diante) e “*foi-se a* ele” (*foi* contra ele).

Atualmente, o verbo *ir* aceita quatro preposições: *a*, *para*, *em* e *de*, e segundo Borralho (2014), ele ainda possui fenômenos diferentes conforme o que indica. Exemplificando, temos que

[...] há, pelo menos, três fenômenos diferentes atuando sobre a regências do verbo *ir* quando indica movimento: o primeiro, é o processo de mudança em andamento o qual registra um recuo gradativo da preposição a concomitantemente um aumento do uso da preposição *para* e *em*; segundo, há uma estabilidade no processo de variação entre as preposições *para* e *em*; e terceiro, há um processo de generalização por especificação, com indicadores de contextos particularizados para as três preposições. (BORRALHO, 2014, p.39).

4.2 O VERBO *IR* E SEUS VALORES NO SÉCULO XIX

A partir do século em questão, o verbo *ir* passou a receber formas específicas. Assim, nesse período, notam-se características relacionadas “as formas de expressão de futuro com três variáveis: o futuro sintético, o presente e as perífrases com *haver* e *ir* mais infinitivo” (STROGENSKI, 2012). Dessa forma, o verbo *ir* demonstrou ter sofrido mudanças de cunho semântico para o gramatical, em que deixa “[...] de ser um auxiliar e vem quase adquirindo uma ideia de um prefixo, indicador de futuridade”. (STROGENSKI, 2012).

Ademais, as outras duas variáveis de caráter semântico que podem ser percebidas na ocorrência de futuridade do verbo em questão voltam-se para o fato de “[...] as perífrases com o verbo *haver* começarem a sofrer concorrência com as perífrases com *ir* e com o presente, para indicar futuro” (STROGENSKI, 2012). Assim sendo, tais características podem ser

exemplificadas ao passo que em construções de frases, a ocorrência do “há de ser” e “há de cumprir-se” denota, de acordo com Strogenski (2012, p. 41), “um caráter mais modal, e a ideia de tempo futuro foi expressa através da perífrase com o verbo *ir*”. Diante de tais expostos, pode-se indicar como significações a ideia de dever a algo que será feito. Além disso, as construções que apresentam as formas sintéticas, tais como “vai” e “direi”, também carregam em si o valor de futuro simples, “[...] com a diferença de que a perífrase tanto carrega um valor modal quanto temporal” (STROGENSKI, 2012, p. 41).

4.3 O VERBO *IR* E SEUS VALORES NO SÉCULO XX

Marcando o início do português moderno, o século XX apresenta o verbo *ir*, segundo Strogenski (2013), já com muitas das significações atuais e com apenas algumas preposições em desuso. Nota-se, conforme os gráficos das pesquisas de Gonçalves (2012), que nessa época o verbo *ir* era mais utilizado como marcador temporal do que como marcador espacial, de modo que se estabeleceu que o verbo aparecia mais na função de auxiliar de outro verbo (forma gramatical) do que na função de verbo pleno (forma lexical).

Strogenski (2010 apud STROGENSKI, 2013), em sua pesquisa, observa que além desse processo de expansão dos usos do verbo, as perífrases em que o *ir* aparece possuem sentido de futuridade, logo, uma hipótese é formulada sobre esse fato, a de que o verbo *ir*, já no século XX, estava substituindo o futuro do presente em sua forma sintética, ou seja, o futuro que indica uma ação posterior ao momento atual, a exemplo de alguns verbos no futuro do presente temos: amarei, viajarás, estudará, e entre outras. De acordo com Strongenski (2013, p. 42),

[...] verificou-se, também, que ainda que o verbo *ir* esteja em final de processo de gramaticalização, ele não perdeu seu significado, mantendo-se no PB como um verbo pleno, que significa movimento espacial, como um verbo auxiliar com forte característica modal para a indicação de certeza, de intencionalidade, e como um codificador de futuro.

Exemplificando essa hipótese, percebemos que as frases “Por que pensas que Maria *irá deixar* o trabalho?”, “Vou *estar* jantando com você amanhã” ou “Ela precisa cuidar do doente, mas não sabe o que vai fazer” com as perífrases *irá deixar*, *vou estar* e *vai fazer* são utilizadas mais comumente que palavras como *deixará*, *estarei* e *fará*.

Por fim, Strogenski (2013) também verificou, com sua pesquisa, um uso relativamente novo do verbo *ir* para o século em estudo, o qual se baseia na ocorrência da

perífrase com o verbo *ir* indicando pretérito do futuro, de modo que ela é “acompanhada de outro verbo auxiliar e mais um verbo no infinitivo” (STRONGENSKI, 2013, p. 42). Dessa forma, concluindo que, segundo a pesquisadora, o verbo substituiria também esse tempo verbal, já que frases como “Onde *vou conseguir encontrar* aquele caderno?” e “Gostava de muitas coisas que nunca *ia poder comprar*” utilizavam as perífrases no lugar de outras construções, como “conseguiria encontrar” e “poderia comprar”.

5 ANÁLISE DE TEXTOS JORNALÍSTICOS

A seguir, iremos analisar os dados encontrados em jornais do século XIX e XX com enfoque para as semelhanças e diferenças entre os exemplos selecionados e o referencial teórico. A coleta dos dados foi feita com dois jornais denominados “Regeneração”, pertencente à província de Santa Catarina, de modo que o primeiro é datado de junho de 1889 e o segundo de setembro de 1868. Também com o jornal “A Liberdade”, de outubro de 1920, e com “Tribuna Negra”, de setembro de 1935, ambos do estado de São Paulo.

Dessa forma, a partir da leitura dos textos jornalísticos percebemos uma maior utilização da forma lexical do verbo *IR* do que da gramatical, mantendo assim seu sentido pleno. Para exemplificar tal fato temos as passagens a seguir:

[1] “Sem mais preâmbulo, lá *vai* obra.—, por falar em obra, lembra-me de uma confissão ingênua.” (*Regeneração*, 1868)

[2] “De ordem do Sr. Inspector da Alfandega desta capital, o lançador abaixo assignado faz público para conhecimento dos interessados, o que *vai* por todo o corrente mês, proceder ao lançamento dos impostos de indústrias e profissões e o predial para o exercício de 1890.” (*Regeneração*, 1889)

[3] “Consta que os batalhões que devem vir de Matto-Grosso, irão para Minas, S. Paulo, Espírito Santo e Paraná.” (*Regeneração*, 1889)

Os exemplos expostos foram retirados do jornal “Regeneração”, do século XIX. No entanto, de acordo com o referencial teórico, este foi um período em que as perífrases com o verbo *ir* começaram a ser mais utilizadas, e indicavam, na maioria das vezes, um tempo futuro. Logo, ficou evidente que poucas são as perífrases encontradas nos textos lidos, embora o verbo *ir*, em um dos exemplos acima denote sentido de futuridade.

Analisando os jornais do século XX, constatou-se que, assim como os textos jornalísticos do século anterior, “Tribuna Negra” e “A Liberdade” não utilizaram com muita frequência o verbo *ir*, porém, em suas aparições notou-se um maior emprego das formas

gramaticais do verbo do que das formas lexicais, ou seja, as perífrases com o verbo *ir* foram mais recorrentes. Podemos perceber isso nos seguintes exemplos:

[4] “[...] feliz da Legião Negra do Brasil, que primando pela ideia e a significação dos motivos, *vai alcançando* dia a dia, os recursos para a criação da Casa do Negro.” (*Tribuna Negra*, 1935)

[5] “E a direção da Legião Negra, *vai compreendendo* o peso tão somente das responsabilidades, dos trabalhos que urgem e seguem progressivamente.” (*Tribuna Negra*, 1935)

[6] “[...] para início dessa enorme catastrophe *vamos assistir* em primeiro plano o assalto do “monstro fascista” contra o último Império negro do mundo, - a Abyssínia.” (*Tribuna Negra*, 1935)

[7] “*Vamos renovar* as nossas promessas de nunca esquecermos d'aquelles que nos foram tão caros.” (*A Liberdade*, 1920)

Além do aumento da utilização de perífrases, percebemos que elas eram, na maioria das vezes, constituídas do verbo *ir*+*gerúndio* em vez do verbo *ir*+ *infinitivo*, não expressando o sentido real de futuridade, como nos exemplos 4 e 5. Logo, frases como as dos exemplos 6 e 7, que não apareciam com tanta frequência, estavam de acordo com o referencial teórico quando este apresentou que perífrases com verbo *ir* estão substituindo o futuro do presente, já que “vamos assistir” substitui “assistiremos”, e “vamos renovar” está no lugar de “renovaremos”.

Portanto, concluímos que por tratarmos de textos jornalísticos, os quais exigem uma linguagem clara e com mais formalidade, a maior utilização de formas lexicais, no século XIX, ou as poucas ocorrências de perífrases que expressassem futuridade, no século XX, não desconsideram o processo de gramaticalização do verbo, pois entendemos que essas duas características foram encontradas por serem, nos períodos em estudo, próprias desse gênero textual, e pelo fato de que, principalmente os jornais do século XIX, ainda compreendiam que a gramaticalização do verbo era uma variação, e não uma mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo proposto para a elaboração do presente artigo concentrou-se em um estudo dos estágios pelos quais passou o verbo *ir* no período clássico. Assim sendo, para o apontamento de tais construções foi necessário primeiramente um estudo da gramaticalização do verbo *ir*, em que foi possível estabelecer que tal processo acarretou a alterações no uso

desse verbo, como foi possível observar na recategorização deste, apresentando a perífrase *ir+infinitivo*, que acarretou a uma noção de futuridade.

Além desse entendimento, para a observação das alterações ocorridas no verbo *ir* nos séculos XVIII ao XX, foi realizada uma análise, que limitou-se em três jornais distintos. A partir de tais observações, foi possível concluir uma preferência a formas lexicais, como também a perífrases que expressam ideia de futuro.

Dessa forma, após todo o processo teórico abordado no desenvolvimento do artigo, que culminou nos exemplos e nas observações dos usos do verbo *ir*, foi possível concluir que tal verbo ainda encontra-se em um processo de alteração de valor, ou seja, em um processo de gramaticalização. Tal fato pode ser posto ao passo que foi realizado estudos de cunho diacrônico que indicaram esses elementos. Ademais, o presente assunto gera diferentes discussões, e muitos estudos foram, e ainda poderão ser realizados, para um maior entendimento do verbo *ir* e suas significações.

REFERÊNCIAS

BORRALHO, Thamiris Abrão. **As preposições que acompanham os verbos *ir* e *chegar*: uma visão sincrônica do português brasileiro escrito em jornais**. 2014. 85 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

FARACO, Carlos Alberto. A linguística histórica é uma disciplina científica. In: FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 91- 127.

FONSECA, Ana Maria Hernandez da. **A perífrase verbal *ir+infinitivo* e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface sociolinguística/ gramaticalização**. 2010. 174 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)- Universidade Estadual Paulista, Campus São José do Rio Preto, 2010.

GABAS JR., Nilson. Linguística Histórica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Orgs.). **Introdução à Linguística I: Domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 77-103.

GONÇALVES, Alcione. O processo de gramaticalização do verbo IR no português brasileiro: um estudo diacrônico. **Domínios de Lingu@gem**, v. 6, n. 1, 1º semestre 2012. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/14791/9609>>. Acesso em: 8 jun. 2017.

JORNAL REGENERAÇÃO. Florianópolis (SC): 1868- [1889?]. Bissemanal.

JORNAL TRIBUNA NEGRA: Pela união social e política dos descendentes da raça negra. São Paulo: 1935. Quinzenal.



JORNAL A LIBERDADE. São Paulo: 1920. Quinzenal.

STROGENSKI, Maria. Uma análise diacrônica do verbo ir e suas diferentes significações no português do Brasil. Trabalho de conclusão de curso- Universidade Federal Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2013.